

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i21.513>

**REVISITANDO O MUNDO FELIZ:** um estudo das múltiplas imagens sobre os trabalhadores no Primeiro Peronismo (1946-1955)<sup>1</sup>

**REVISITING THE HAPPY WORLD:** a study of the multiple images about the workers in the First Peronism (1946-1955)

**REVISITANDO EL MUNDO FELIZ:** un estudio de los múltiples imágenes sobre los trabajadores en el Primer Peronismo (1946-1955)

MAYRA COAN LAGO

Doutoranda em História Social pela USP

São Paulo, SP- Brasil

[mcoann@hotmail.com](mailto:mcoann@hotmail.com)

**Resumo:** Procuraremos analisar as distintas construções dos imaginários sociais sobre os trabalhadores pelo governo peronista no Primeiro Peronismo de Juan Domingo Perón. Para lograr o objetivo, analisaremos os discursos políticos de Juan Domingo Perón e de Evita Perón nas festas cívicas: Primeiros de Maio e 17 de outubro, entre os anos 1946-1955. A partir da análise dos discursos políticos selecionados, podemos notar a propagação de diversas imagens, pelo governo peronista, sobre os “novos” trabalhadores (*descamisado, obrero, trabajador, peón rural*), que estariam associadas ao momento e ao contexto em que o “diálogo” direto com os trabalhadores estava sendo produzido e reproduzido, seja por estes personagens, por outros e pela propaganda política. Tais imagens contribuíram para a conformação da ideia de “mundo feliz”.

**Palavras-chave:** Trabalhadores. Juan Domingo Perón. Evita Perón.

**Abstract:** We will try to analyze the different constructions of social imaginary about the workers by the Peronist government in the First Peronism of Juan Domingo Perón. To achieve the objective we will analyze the political discourse of Juan Perón and Evita Peron in the civic festivals: First May and 17 October, between the years 1946-1955. From the analysis of the selected political discourse we can see the spread of several images about the “new” workers by the Peronist government (*descamisado, obrero, trabajador, peón rural*), which were associated with the moment and the context in which the direct “dialogue” with the workers was being produced and reproduced, by these characters as much as for others and for political propaganda. Such images contributed to the idea of forming a “happy world”.

**Keywords:** Workers. Juan Domingo Perón. Evita Perón.

**Resumen:** Intentaremos analizar las distintas construcciones de los imaginarios sociales sobre los trabajadores por el gobierno peronista en Primer Peronismo de Juan Domingo Perón. Para lograr el objetivo analizaremos los discursos políticos de Juan Domingo Perón y de Evita Perón en las fiestas cívicas: Primeros de Mayo y 17 de octubre, entre los años 1946-1955. A partir del análisis de los discursos políticos seleccionados podemos notar la propagación de diversas imágenes sobre los “nuevos” trabajadores por el gobierno peronista (*descamisado; obrero; trabajador; peón rural*), que estarían asociadas al momento y al contexto en que el dialogo directo con los trabajadores estaba siendo producido y reproducido, sea por estos personajes, por otros y por la propaganda política. Tales imágenes contribuyeron para la aceptación de la idea de “mundo feliz”.

**Palabras-clave:** Trabajadores. Juan Domingo Perón. Evita Perón.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2015 e aprovado para publicação em maio de 2016.

Un mundo feliz. Las miles de imágenes de la armonía, la justicia y el bienestar desplegadas en la prensa y en la calle querían servir de testimonio de la nueva realidad vivida por los trabajadores en la Argentina de Evita y de Perón<sup>2</sup>.

Em 1946, Perón foi eleito por eleições diretas como Presidente da Argentina pelo Partido Laborista, sendo reeleito sob a sigla do Partido Peronista em 1951 e derrubado por um golpe militar em 1955. De acordo com Maria Helena Capelato, no primeiro governo, Perón contou com o apoio de parte significativa dos trabalhadores, de grupos nacionalistas, de setores das Forças Armadas e da Igreja.

Com relação ao contexto econômico, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o país devedor tornou-se credor graças à colocação de seus produtos agropecuários no mercado europeu. O governo peronista tentou reforçar o setor industrial da economia com a ajuda do setor agrícola, reduzir a influência estrangeira na economia, sobretudo as referentes ao setor público, e outorgar para o Estado o papel decisivo na regulamentação da economia com o Plano Quinquenal<sup>3</sup>.

O número de estabelecimentos industriais e de trabalhadores duplicou entre 1935 e 1946, sendo que a indústria passou a ser o centro dinâmico de acumulação de capital na metade dos anos 1940 – ainda que a agroexportação continuasse sendo a principal fonte de divisas. Tal situação contribuiu para a melhora do nível de vida dos argentinos, tal como para a construção de imagens sobre a “nova” Argentina e a propagação da ideia de “mundo feliz”.

Não obstante, no segundo governo, a situação econômica seria distinta, marcada pela crise do setor externo argentino e com reflexos na atividade industrial nacional<sup>4</sup>. No segundo governo, o descontentamento era visível por parte dos grupos nacionalistas e da Igreja, que acabaram rompendo com o governo. Além disso, as greves dos trabalhadores somadas ao acirramento da oposição sindical e à morte de Evita Perón contribuíram para o cenário complexo instaurado.

Apesar das diferenças entre o primeiro e o segundo governo peronista, durante o primeiro peronismo, o discurso oficial procurou produzir, reproduzir e difundir, das mais variadas formas, o “mundo feliz” a partir de imagens da “nova” realidade, da “nova” Argentina. A demarcação do “novo” tempo, isto é, a partir de 1943, com sua consagração em

<sup>2</sup> GENÉ, Marcela. *Un mundo feliz: imágenes de los trabajadores en el primer peronismo 1946-1955*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica; Universidad de San Andrés, 2008. p.141.

<sup>3</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

<sup>4</sup> BAILY, Samuel. *Movimiento obrero, nacionalismo y política en la Argentina*. Buenos Aires: Paidós, 1986.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

1946, era o pilar da construção do “mundo feliz”, enquanto as bases seriam estabelecidas por imagens de justiça social, de dignificação do trabalho, de humanização do capital, de harmonia entre o Estado e as classes trabalhadoras, de ajuda social e da garantia de direitos para os argentinos, sobretudo para os trabalhadores. Ainda de acordo com o discurso oficial, o grande responsável pela construção do “mundo feliz” era Perón e os setores populares e, mais especificamente, os trabalhadores eram, ao mesmo tempo, os maiores colaboradores e beneficiados pela “nova” Argentina.

A reformulação do trato da “questão social” proposta por Perón, passando de uma questão de polícia para uma questão política e de governo, também estaria incluída na ideia de “mundo feliz”. Tal reformulação seria composta pela combinação de aspectos materiais, como as políticas sociais e a legislação trabalhista, e de aspectos “imateriais” ou simbólicos, referentes à construção de imaginários sociais sobre os trabalhadores, tocando em temas delicados como a cidadania, a “consciência política”, a identidade coletiva e a participação política<sup>5</sup>. Para tal, o governo peronista precisaria produzir outras imagens não apenas da relação entre Estado e classe trabalhadora, como, principalmente, de Perón e dos trabalhadores.

Para lograr a difusão das imagens de “mundo feliz”, tal como do grande responsável e de seus colaboradores/beneficiados, o peronismo utilizou um eficiente sistema de comunicação, composto pelo rádio, pelo cinema, pela imprensa e pelos espetáculos de poder, em espaços abertos com a presença do líder. Complementando estes dispositivos, tinha-se a censura e a repressão aos opositores do “mundo feliz” e do projeto político peronista.

A partir das considerações apresentadas, este trabalho está inserido e tem como objetivo principal analisar as múltiplas construções dos imaginários sociais sobre os trabalhadores pelo governo peronista no período conhecido como Primeiro Peronismo. Para lograr o objetivo analisaremos os discursos políticos de Perón e de Evita Perón nas festas cívicas: os Primeiros de Maio e os 17 de outubro, entre os anos 1946-1955, combinando-os com a legislação trabalhista e a política social promulgada no período.

Selecionamos os discursos políticos de 17 de outubro, pois representavam o marco fundacional do peronismo, momento em que o governo peronista comemorava, no sentido de recordar, as condições que propiciaram a chegada ao poder, tal como reafirmava o

---

<sup>5</sup> LAGO, Mayra Coan. *Trabalhadores do Brasil, mis queridos descamisados: a (re)invenção dos trabalhadores no varguismo e no peronismo*. 2015. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação Interunidades em Integração da América Latina, São Paulo, 2015.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

projeto político nacional, os principais participantes – os trabalhadores – e anunciava ou rememorava a política social e a legislação trabalhista promulgada. Enquanto o Primeiro de Maio foi selecionado por ser uma data expressiva para o proletariado mundial, que foi apropriada e ressignificada pelo peronismo, a fim de reforçar a identificação e os “elos” entre Perón e os trabalhadores.

Concordamos com Mariano Plotkin ao afirmar que os espetáculos de poder, tomando como destaque as festas cívicas mencionadas, compunham o calendário festivo do Primeiro Peronismo a fim de produzirem e reproduzirem imagens de legitimidade, coesão e apoio dos argentinos, sobretudo dos trabalhadores, ao “grande líder” da nação e a obra de reconstrução que estava sendo realizada, em que se reafirmava a distinção entre a “velha” e a “nova” Argentina<sup>6</sup>. Ademais, os espetáculos de poder serviam também para reforçar e recriar a imagem carismática de Perón, ao passo que uma vez mais era colocado no centro dos eventos.

Vale fazermos alguns comentários gerais sobre a composição dos espetáculos de poder selecionados<sup>7</sup>. De maneira geral, os Primeiros de Maio eram compostos por concentrações na Praça de Maio, desfiles, festivais de danças, encenações teatrais, cantos, execução de hinos e canções (como *Muchachos Peronistas*, a partir de 1949), discursos políticos dos representantes dos trabalhadores, de Perón e de Evita (a partir de 1948) e o concurso da *Reina del Trabajo*,

Os 17 de outubro, em geral, eram compostos por missas, homenagens aos heróis nacionais (como San Martín) e ao casal Perón, desfiles de trabalhadores, marchas peronistas (como *Muchachos Peronistas; Evita Capitana*, a partir de 1949), discursos políticos dos representantes dos trabalhadores, de Perón e de Evita (a partir de 1948) e eventos artísticos. Com relação aos “presentes” da festa, a partir de 1949 Perón passou a condecorar com a medalha peronista, outorgada pelo Conselho Superior da Medalha Peronista, alguns trabalhadores sindicais – com exceção de 1951, em que condecorou Evita –, e em 1950 foi inaugurado o prédio sede da CGT. Vale lembrarmos que os 18 de outubro eram feriados,

<sup>6</sup> PLOTKIN, Mariano Ben. *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955)*. Sáenz Peña: Editorial de la Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2013.

<sup>7</sup> As festas tiveram ampla participação popular, sobretudo, pelo fato da presença ser obrigatória em alguns setores como: escolas particulares e públicas, Forças Armadas, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e Especial, bandas, corais, grupos de danças, grupos de teatro, escoteiros e sindicatos. Ver: SCHEMES, Cláudia. *As festas cívicas e esportivas no populismo: um estudo comparativo dos Governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955)*. Novo Hamburgo: Feevale editora, 2005.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

denominados pelo governo peronista de “*San Perón*”, com exceção de 1951, que foi denominado “*Santa Evita*”, o que reforçava as imagens de santificação do casal<sup>8</sup>.

Para tratarmos de imaginários sociais, utilizaremos as contribuições de Bronislaw Bazcko<sup>9</sup> e de Patrick Charaudeau<sup>10</sup>, a fim de apresentarmos alguns aspectos do que entendemos por imaginários sociais, de seu papel nas sociedades e a sua relação com a dimensão política. O primeiro dos aspectos a ser mencionado é que os imaginários sociais não são aquilo que se opõe à realidade. Como constatou Bazcko, os sistemas de representação produzidos em diferentes épocas associaram o “verdadeiro” e o “ilusório”, por meio de um jogo complexo e dialético. A partir das ilusões que uma época cria de si própria, manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua “verdade”, tal como o lugar que lhe cabe na história<sup>11</sup>.

O segundo aspecto a ser sublinhado é que os imaginários sociais são construídos a partir da seleção de determinados aspectos, relacionando significantes (imagens, palavras) e significados (representações) que fazem sentido para determinada sociedade, época, contexto, grupo, entre outros. O terceiro aspecto é relacionado à multiplicidade e a heterogeneidade destes imaginários sociais, que vão ter as particularidades e especificidades de acordo com as classes, sociedades, países e do contexto sócio-histórico em que forem produzidos e reproduzidos.

No centro do imaginário social encontra-se o problema do poder legítimo ou o problema da legitimação do poder. A elaboração de imaginários sociais é parte integrante de qualquer regime político e é por meio dos imaginários sociais que se pode atingir não apenas a cabeça, mas também o coração. Para desempenhar seu papel de “espelho identitário”, os imaginários fragmentados, instáveis e essencializados têm necessidade de ser materializados. Se por um lado os imaginários sociais precisam ser materializados, por outro, precisam ser sustentados por uma racionalização discursiva, o que Charaudeau denominaria como imaginários sociodiscursivos, isto é, os imaginários sociais que existem e são reproduzidos nos discursos, sobretudo nos discursos políticos<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> Vale observarmos as especificidades anuais das comemorações dos espetáculos de poder, sobretudo quando se concorda com a periodização proposta por Plotkin, sobre o processo de “*peronização*” dos espetáculos de poder (entre 1946 e 1948, caracterizado como um período de luta pelo monopólio do espaço simbólico; entre 1948 e 1950, caracterizado pela institucionalização do aparato simbólico oficial; e entre 1950 e 1955, caracterizado pela cristalização dos rituais políticos peronistas). Para maiores detalhes sobre as festas cívicas no peronismo ver LAGO, op.cit; PLOTKIN, op.cit; e SCHEMES, Cláudia. As festas cívicas e esportivas no populismo: um estudo comparativo dos Governos Vargas (1937-1945) e Perón (1946-1955). Novo Hamburgo: Feevale editora, 2005.

<sup>9</sup> BACZKO, Bronislaw. A imaginação social In: LEACH, Edmund. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985.

<sup>10</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2013.

<sup>11</sup> BACZKO, op.cit.

<sup>12</sup> CHARAUDEAU, op.cit.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

Como regime político, o peronismo também procurou, a partir da seleção de determinados elementos e exclusão de outros, forjar determinadas imagens e “realidades”. Para tratar das imagens sobre os trabalhadores, este estudo está estruturado em três grandes partes, além desta introdução e das considerações finais: na primeira, trataremos das imagens de si, produzidas por Perón, a respeito do mundo do trabalho, de suas relações com os trabalhadores e, principalmente, de seu papel como o responsável pela construção do “mundo feliz”; na segunda, apresentaremos os discursos políticos de Eva Perón, procurando dar continuidade às projeções de imagens sobre Perón como o responsável pelo “mundo feliz”, relacionando-o com os trabalhadores e o papel de cada setor para a construção do “mundo feliz”; e na terceira, a partir da combinação de discursos de Perón e Eva Perón, abordaremos as distintas projeções das imagens sobre os trabalhadores, os papéis dos mesmos na construção do “mundo feliz” e no projeto político do novo governo, procurando mostrar as particularidades das imagens projetadas sobre os trabalhadores durante o primeiro e o segundo governo de Perón.

### **Juan Domingo Perón: o responsável pelo “mundo feliz”**

Como mencionamos anteriormente, Perón seria apresentado como o responsável pelo “mundo feliz”. Tal responsabilidade estava associada a uma série de imaginários políticos que o projetavam como o grande condutor dos trabalhadores. A grande maioria dos imaginários políticos produzidos e reproduzidos por e sobre Perón estaria reunido dentro de uma ideia mais geral: a de primeiro trabalhador argentino.

Em dezembro de 1943, Perón recebeu o título de “primeiro trabalhador argentino” em uma homenagem prestada pelo dirigente ferroviário José Domenech. Perón utilizou amplamente este título procurando demonstrar a identificação que tinha com os trabalhadores, a compreensão das suas aspirações e demandas e o exemplo a ser seguido por eles. “Primeiro trabalhador” também revelava a disputa simbólica da “voz” legítima ou do representante legítimo dos trabalhadores.

Tal disputa seria composta pela combinação de, pelo menos, dois aspectos mais amplos: o primeiro seria o uso do “passado”, quando Perón ainda era secretário de Trabalho e Previdência, para reafirmar as políticas sociais implantadas e o início da sua relação com os trabalhadores; e o segundo seria a produção e a reprodução de imaginários políticos no presente momento em que estava governando.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

Ainda que a nossa referência sobre o tempo em que Perón era secretário seja no passado, vale lembrarmos que a marcação do tempo, da “velha” e “nova” Argentina, para Perón, se iniciara com a “Revolução de 43”. Nos discursos políticos de Perón os tempos anteriores à “Revolução de 43” eram retratados como de exploração, sofrimento, dor, miséria e injustiça. A “Revolução de 43” deveria marcar um tempo novo na Argentina, que foi consagrado com a chegada de Perón ao poder, e que seria retratado como um tempo de justiça social, de dignificação do trabalhador, de humanização do capital, de ajuda social e da garantia dos direitos dos argentinos, sobretudo dos trabalhadores. Em outras palavras, a “Revolução de 43” possibilitou a ideia de outra Argentina, de um “mundo feliz”, e a eleição de Perón possibilitou a construção do “mundo feliz”.

As comemorações dos espetáculos de poder eram momentos emblemáticos, em que se procurava não apenas expressar, mas também difundir a ideia do “mundo feliz”. Com relação às comemorações, Elizabeth Jelin<sup>13</sup>, ainda que tratando de outros tipos de comemoração, assinala dois aspectos gerais que consideramos interessantes. O primeiro é que nem toda a sociedade compartilha as mesmas memórias nestas comemorações. No tocante ao Estado, a festa constitui-se como um momento de memorização da história nacional, seja por meio de um acontecimento ou de um personagem específico.

A memória, como uma operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, integra-se em tentativas conscientes do Estado em definir e reforçar o pertencimento e as fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos distintos. Os 17 de outubro e os Primeiros de Maio foram palco de disputas distintas não apenas pelas memórias e significados das datas, mas também pelas comemorações, seja por parte das correntes ideológicas dos trabalhadores argentinos ou mesmo entre os trabalhadores e o governo peronista, que acabou tornando ambas as datas como festas cívicas do governo peronista<sup>14</sup>.

O segundo aspecto é que as festas, como parte da memória, sofrem transformações ao longo do tempo, sendo visíveis especialmente nas manifestações públicas e nos discursos políticos, quando comparados ano após ano. Por ser um ato de lembrar em

---

<sup>13</sup> JELIN, Elizabeth. *Las conmemoraciones: las disputas en las fechas "in-felices"*. Madri: Siglo Veintiuno, 2002.

<sup>14</sup> A partir de 1949 o governo ordenou que todas as celebrações do Primeiro de Maio não peronistas deveriam ser antecipadas para o dia 30 de abril, para que não interferissem na celebração oficial. No caso das comemorações de 17 de outubro é ainda mais emblemática a primeira comemoração da data, em 1946, em que uma seção de trabalhadores do recém-dissolvido Partido Laborista organizou uma comemoração paralela, sob o lema “Dia do Povo”, que contrastava com o lema peronista “Dia da Lealdade”. Ou seja, para os laboristas, o protagonista indiscutível de 17 de outubro era o povo e não Perón. A partir de 1947 começaram as pressões por parte do governo e desde então a comemoração passou a “pertencer”, definitivamente, a Perón. Ver: PLOTKIN, Mariano Ben. *El día que se inventó el peronismo*. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

conjunto, não apenas aquilo que se celebra, mas a própria emoção da celebração, passado o momento, poderá ser “rememorada”, seja pelos meios de comunicação, pelos discursos políticos dos governantes ou mesmo nos anos subsequentes da data cívica, com o objetivo de seguir legitimando o regime vigente, sustentar o imaginário político e social que está sendo construído, assim como destacar a importância da participação da sociedade no projeto político anunciado pelos líderes.

Tais transformações ficam cada vez mais visíveis nos discursos de Perón. Sobre a propagação de imagens do novo governo, procurando a legitimação do regime vigente, ainda que ambos os espetáculos de poder selecionados as reforçassem neste novo momento, o Primeiro de Maio era a data em que mais observamos a marcação e diferenciação em relação aos governos anteriores:

Pasan por mi memoria tantos primeros de mayo desde 1910. Siendo estudiante he presenciado los primeros de mayo más trágicos de toda la historia del trabajo argentino. Los veo resurgir en 1916, 1917, 1918; Y los veo también mucho después, cuando las masas argentinas llegaban a esta plaza para reclamar justicia, desilusionadas por su destino ingrato; justicia que nunca obtenían, que nunca les alcanzaba. Cuántas veces he presenciado con dolor, a través de casi mis cincuenta y dos años de vida, el desfilar de esa lucha que el proletariado argentino libró, generación tras generación, por afirmar conquistas que no significaban más que la realización de una justicia fundamental y primaria, reclamada por quién trabaja y todo lo producía ante la negativa de quien todo lo disfrutaba y lo usufructuaba<sup>15</sup>.

Vale observarmos que as imagens de primeiro trabalhador argentino relacionadas às noções de identificação com os trabalhadores argentinos e com as de compreensão de suas aspirações e demandas eram amplamente utilizadas. Ademais, também era nestes momentos que Perón procurava demonstrar o diferencial de seu governo. Antes, a luta pelos direitos, pela justiça, dos “homens que trabalham” que seria negada pelos homens que “não trabalham” e, naquele momento, a situação seria transformada:

Este 1º de mayo, el primero desde que me encuentro en el Gobierno, lo festejamos como fiesta incorporada a las grandes efemérides de nuestra Patria. Lo festejamos como el advenimiento de una nueva era para esta Patria tan amada, por la que trabajamos sin descanso día y noche, si es preciso [...]. En este 1º de mayo hemos alcanzado esa paz y tranquilidad provisorias. Hemos logrado conformar la conciencia social de nuestro pueblo, donde un gobierno de trabajadores marcha al frente de la columna obrera más grande que pueda haberse formado en esta tierra<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> PERÓN, Juan Domingo. Cuadernillos de formación político-sindical, número 2. *Obras completas del General Juan Domingo Perón*. Discursos de Juan D. Perón, 1946-1947. Buenos Aires: Unión del Personal Civil de la Nación, s/d, p.37.

<sup>16</sup> PERÓN, op.cit, p. 40.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

Com Perón no poder, os Primeiros de Maio seriam não apenas comemorados como também festejados. Essa combinação, sobretudo a questão de festejar, advém do “novo” tempo na Argentina, da construção do “mundo feliz”, que estaria marcado pela paz, tranquilidade, felicidade e pelo “governo dos trabalhadores”. As imagens de felicidade também eram frequentes nos discursos políticos de Perón, como podemos observar na comemoração de 17 de outubro de 1947:

Feliz la tierra de cuyo pueblo salen exclamaciones como éstas que escuchamos; feliz la Patria que puede ofrecer el espectáculo de hombres laboriosos y patriotas congregados en apretado ramo para exteriorizar sus sentimientos. Pueblo maravilloso de una Patria inmortal, que está construyendo, para ejemplo de los siglos, una nueva doctrina y una nueva idealidad que el mundo no ha de olvidar jamás<sup>17</sup>.

Perón assinalava, em diversos momentos, que a construção de uma “nova” Argentina e, portanto, do “mundo feliz” era a tarefa de todos os argentinos, sobretudo dos trabalhadores. Para Perón, a construção conjunta, a partir do “pacto político” entre Estado e classe trabalhadora, propagava a felicidade do responsável e do coordenador do “mundo feliz”, dos colaboradores/beneficiados e, finalmente, de “todos” os argentinos.

Pelo tipo de relação de Perón com os trabalhadores, desde o seu cargo de Secretário de Trabalho e Previdência, e, posteriormente, por acontecimentos como o 17 de outubro de 1945 e sua candidatura por um partido dos trabalhadores, não foi possível apagar a luta histórica dos trabalhadores ou parte dela, pois tal luta lhe auxiliou a chegar à presidência e, naquele momento, os trabalhadores constituíam base de apoio significativo ao governo peronista. Ademais, em diversos momentos, Perón assinalava que seu governo era *para, dos e de* trabalhadores, ou seja, um governo que incorporaria não apenas as demandas como também os trabalhadores. Deste modo, pelo discurso oficial, Perón tentou se apropriar da luta dos trabalhadores, colocando-se como seu grande condutor e responsável pela construção do “mundo feliz”<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> COMISIÓN EJECUTORA DE LA LEY 25.114. *Perón y el 17 de Octubre (1945-1974)*. Buenos Aires: Biblioteca del Congreso de la Nación, 2002. p. 39.

<sup>18</sup> A partir da ideia de “governo dos trabalhadores”, o discurso oficial procurou ocultar os embates, a censura e a repressão aos trabalhadores que eram contrários ao tipo de regime implantado por Perón. Os trabalhadores que não estavam a favor dos regimes (primeiro da “Revolução Nacional” e depois do Primeiro Peronismo), desde 1943, sofriam repressão e censura, como o caso da CGT nº 2, de cunho predominantemente comunista, que foi extinta em 1943 e, posteriormente, com um dos líderes do recém-dissolvido Partido Laborista, Cipriano Reyes, que ficou preso até 1955, entre outros casos.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

Nos pronunciamentos de Perón, a política estava relacionada a algo pejorativo, como a traição e o engano e, assim, ele reafirmava sua posição distinta dos “velhos políticos”. De acordo com Silvia Sigal e Eliseo Verón, a enunciação de Perón é formada por um modelo de chegada particular, “alguém que vem de fora”, isto é, que não é da política<sup>19</sup>.

O “modelo de chegada” de Perón auxilia na compreensão de alguns imaginários políticos projetados. Tais imagens podem ser amparadas em dois amplos “campos”, que se complementam: os referentes às virtudes de Perón, como a lealdade, sinceridade, generosidade e bondade; e os decorrentes dessas virtudes, como o sacrifício, a servidão e a amizade com os trabalhadores.

No tocante às imagens das virtudes, as imagens de lealdade, sinceridade, generosidade e bondade seriam combinadas entre si. Quanto à lealdade e à sinceridade:

Vuelo en este primero de mayo frente a los trabajadores argentinos, encontrándome en la posición más comfortable en que puede estar un gobernante, cuya síntesis puede afirmarse al decir: he sido leal con mi pueblo y, Dios sea loado, mi pueblo ha sido leal conmigo. Y al afirmar una vez más esta lealtad y esta sinceridad entre el gobierno de los trabajadores y el pueblo argentino, quiero recordar lo que tantas veces les he dicho desde la vieja Secretaria de Trabajo y Previsión: “Seamos unidos, porque estando nosotros unidos, somos invencibles, que la política no divida a los Sindicatos ni ponga unos contra otros porque, el interés de todos es la causa gremial de los trabajadores por sobre todas las cosas”<sup>20</sup>.

Para Perón governar com sinceridade e lealdade significava o abandono da “velha” forma de fazer política. A sinceridade e a lealdade, de ambas as partes, isto é, tanto de Perón quanto dos trabalhadores, proporcionariam a manutenção da união entre eles, evitando que os elementos da “velha” política retornassem. No tocante às virtudes de bondade e generosidade:

Miles de veces me pregunto: ¿Cómo pudo haber hombres con un pueblo como éste no hayan sido capaces de quererlo y de interpretarlo? ¿Y me pregunto, también, miles veces: ¿Cómo es posible que hubiéramos llegado a esta época sin que nadie comprendiera que era menester, para seguir adelante, hacer un alto en el camino, reordenar los valores, darle al trabajo lo que le corresponde y cortar los privilegios a quienes nada merecen y todo lo disfrutaban?<sup>21</sup>.

Notemos que tais imagens de bondade e generosidade estavam amparadas na ideia de representante legítimo dos trabalhadores, que pode interpretá-los, combinada com a ideia de desamparo dos trabalhadores, anterior à sua entrada em cena política nacional. Do mesmo

<sup>19</sup> SIGAL, Silvia; VERON, Eliseo. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: Eudeba, 2010.

<sup>20</sup> PERÓN, Juan Domingo. Cuadernillos de formación político-sindical, número 3. *Obras completas del General Juan Domingo Perón*. Discursos de Juan D. Perón, 1948-1949. Buenos Aires: Unión del Personal Civil de la Nación, s/d, s/p.

<sup>21</sup> Ibid.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

modo, novamente, Perón se posiciona acima da política, procurando demonstrar que está no governo por ter um ideal, de reordenar os valores morais e espirituais da sociedade, criar trabalho e estabelecer as bases para a necessária justiça social que o momento exigia.

As imagens das “doações” seriam utilizadas por Perón para estreitar e reafirmar os vínculos com os trabalhadores, isto é, por suas virtudes, ele ofereceu as políticas sociais, e os trabalhadores, em gratidão, em “troca”, deveriam-lhe oferecer seu amor, união e colaboração, como veremos adiante, no tópico sobre os trabalhadores.

Com relação às outras imagens de Perón, as de sacrifício e servidão seriam produzidas em dois planos: o individual, relacionado ao seu próprio trabalho pela pátria, e o coletivo, relacionado ao trabalho de seu governo, que implicava não apenas a união com os próprios membros do governo como, sobretudo, com os trabalhadores. No trecho abaixo, o plano individual e o coletivo se combinam:

Para terminar, quiero que llegue a cada uno de los compañeros de los tres millones de kilómetros cuadrados de nuestra Patria, la persuasión absoluta de que el gobierno de los trabajadores que tengo el honor de encabezar, ha de seguir imperturbable, paso a paso el cumplimiento de todo su plan. Pueden tener la seguridad de que no hemos de descansar un minuto y que, con la ayuda de ustedes, que son los encargados de crear la grandeza y la riqueza de la Patria, organizaremos una perfecta justicia distributiva para que el pueblo sea cada vez más feliz y nuestra Patria más grande y más poderosa<sup>22</sup>.

No trecho acima, podemos identificar outros dois aspectos que compoariam o trabalho de Perón no governo e o sacrifício e a servidão nos “tempos do peronismo” para a construção do “mundo feliz”: a já mencionada felicidade e a grandeza da pátria, ambas decorrentes da justiça social.

A imagem de Governo dos trabalhadores, dedicado à vontade popular, tal como a identificação e compreensão das aspirações, demandas e sentimentos dos trabalhadores, seria utilizada por Perón também no âmbito individual, como uma das formas de projetar imagens de legitimidade, coesão e união dos trabalhadores ao seu Governo. Em todos os 17 de outubro, Perón perguntaria aos trabalhadores se eles estavam satisfeitos com suas políticas:

Y así he de preguntarles todos los 17 de octubre, en este mismo lugar, les pregunto hoy por primera vez si he trabajado por el pueblo en estos cuatro meses. Quiero preguntarles también si he defraudado las esperanzas que ustedes pusieron en mí. Y, finalmente, si en este 17 de octubre sigo siendo para ustedes el mismo coronel Perón de otros tiempos [...]. Como este gobierno es de los “descamisados”, he de hacerles todos los años estas tres preguntas, porque no deseo ocupar el poder un segundo más después de haber perdido la confianza del pueblo<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> PERÓN, *Cuadernillos de formación político-sindical* ..., op. cit, s/p.

<sup>23</sup> COMISIÓN EJECUTORA DE LA LEY 25.114... op. cit, p.33.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

Estas perguntas de todos os 17 de outubro reafirmavam não apenas as imagens de “servo” e de “sacrificado”, que Perón procurou transmitir, como também as imagens mencionadas do governante.

Sobre a relação de Perón com os trabalhadores e, sobretudo, das imagens de amizade, eram notáveis e próprios os encerramentos dos discursos políticos de Perón. Em todos os espetáculos de poder, Perón se despedia oferecendo um conselho e um abraço simbólico aos trabalhadores:

Y el saludo lo dirijo a los camaradas que me escuchan a lo largo de toda la República, y con este mi saludo reciban un estrecho abrazo sobre mi corazón de compañero y argentino<sup>24</sup>.

Como podemos observar, as imagens de si, produzidas por Perón, também variavam de pai para amigo e condutor dos trabalhadores. A partir dos aspectos mencionados neste tópico, sobretudo dos imaginários políticos forjados por Perón e, em outros momentos, por demais membros do governo e difundidos pela propaganda peronista, o governo peronista estabeleceria as bases para a construção do “mundo feliz”. Antes de tratarmos especificamente das imagens dos trabalhadores, vale realizarmos breves considerações sobre o papel de Eva Perón na construção do “mundo feliz”, tal como da relação com os trabalhadores.

### **Evita: a "ponte do amor" entre Perón e os trabalhadores**

De acordo com Plotkin, ainda que não ocupasse nenhum cargo público oficialmente, Eva Perón estava se transformando em uma figura poderosa do regime<sup>25</sup>. Nesse contexto, ela passaria a ter uma sala no edifício do Correio Central, que posteriormente seria transferida para o edifício do Conselho Deliberante, antiga sede da Secretária de Trabalho e Previdência (STP) e sede do Ministério de Trabalho e Previdência, onde, como “secretária”, receberia representantes dos sindicatos.

De acordo com Marysa Navarro, após assumir a presidência, Perón não conseguiria mais receber os trabalhadores, como fazia como secretário da STP e, assim,

---

<sup>24</sup> PERÓN, Juan Domingo. *1950 año del libertador San Martín*. Buenos Aires: Subsecretaría de informaciones de la presidencia de la nación, 1950. s/p.

<sup>25</sup> PLOTKIN, op. cit.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

alguém de sua confiança precisaria ocupar esta função estratégica<sup>26</sup>. Ainda de acordo com a autora, no posto estratégico de “secretária” de Perón no Ministério de Trabalho, Eva Perón intermediaria o contato direto entre Perón e os trabalhadores.

Em 1948, ainda que continuasse sem um cargo público oficial, Eva Perón ocupava uma posição relevante e sólida no governo peronista, sendo reconhecida pelos trabalhadores como a mediadora oficial entre eles e Perón. A partir de 1948, sobretudo os Primeiros de Maio e os 17 de Outubro passariam a contar com os discursos políticos de Evita.

Com base na análise dos discursos políticos pronunciados nessas datas podemos notar a combinação de três componentes fundamentais: Perón, Evita e os descamisados. Deste modo, gostaríamos de tratar de dois aspectos: a menção contundente a Perón e ao seu governo, reforçando os imaginários políticos do líder condutor e responsável pelo novo momento argentino; e a produção de imagens sobre a relação entre Perón e os trabalhadores. Para a produção de tais imagens, Evita também criaria imaginários políticos para si.

Em um primeiro momento, precisamos assinalar a distinção feita pela própria Evita, em sua autobiografia, entre as duas personalidades presentes, isto é, entre a “Eva” e a “Evita”:

Antes de entrar en el tema es conveniente recordar que Perón no es sólo presidente de la República; es, además, conductor de su pueblo. A la doble personalidad de Perón debía corresponder una doble personalidad en mí: una, la de Eva Perón, mujer del Presidente, cuyo trabajo es sencillo y agradable, trabajo de los días de fiesta, de recibir honores, de funciones de gala; y otra, la de Evita, mujer del Líder de un pueblo que ha depositado en él toda su fe, toda su esperanza y todo su amor. Unos pocos días al año represento el papel de Eva Perón; y en ese papel creo que me desempeño cada vez mejor, pues no me parece difícil ni desagradable. La inmensa mayoría de los días soy en cambio Evita, puente tendido entre las esperanzas del pueblo y las manos realizadoras de Perón, primera peronista argentina, y éste sí que me resulta papel difícil, y en el que nunca estoy totalmente contenta de mí<sup>27</sup>.

A distinção entre a mulher do presidente da República, Eva Perón, e do líder condutor do povo argentino, Evita Perón, é importante na medida em que compõe a produção dos imaginários políticos sobre ela, tal como o posicionamento da enunciação pretendido para produção e reprodução de imaginários políticos sobre Perón e de imaginários sociais sobre os trabalhadores. Ao escolher ser “Evita” estabeleceria uma relação mais próxima com o povo argentino, com os trabalhadores, com os “descamisados”, que passariam a reconhecê-la por este nome, diferenciando as demais pessoas:

<sup>26</sup> NAVARRO, Marysa. *Evita*. Buenos Aires: Editora Planeta, 1994. p. 118-119.

<sup>27</sup> PERÓN, Eva. *La razón de mi vida*. Buenos Aires: CSEdiciones, 1995. p.87-88.

Cuando elegí ser “Evita” sé que elegí el camino de mi pueblo [...]. Nadie sino el pueblo me llama “Evita”. Solamente aprendieron a llamarme así los “descamisados”. Los hombres de gobierno, los dirigentes políticos, los embajadores, los hombres de empresa, profesionales, intelectuales, etc., que me visitan suelen llamarme “Señora”; y algunos incluso me dicen públicamente “Excelentísima o Dignísima Señora” y aun, a veces, “Señora Presidenta”. Ellos no ven en mí más que a Eva Perón. Los descamisados, en cambio, no me conocen sino como “Evita”. Ahora si me preguntasen qué prefiero, mi respuesta no tardaría en salir de mí: me gusta más mi nombre de pueblo. Cuando un pibe me nombra “Evita” me siento madre de todos los pibes y de todos los débiles y humildes de mi tierra. Cuando un obrero me llama “Evita” me siento con gusto “compañera” de todos los hombres que trabajan en mi país y aun en el mundo entero. Cuando una mujer de mi Patria me dice “Evita” yo me imagino ser hermana de ella y de todas las mujeres de la humanidad. Y así, sin casi darme cuenta, he clasificado, con tres ejemplos, las actividades principales de “Evita” en relación con los humildes, los trabajadores y la mujer<sup>28</sup>.

A escolha pelo nome e personalidade “Evita” acompanhava a escolha pelo ideal de Perón. Da mesma forma, a partir dos que assim a chamavam, isto é, os humildes, os trabalhadores e as mulheres, Evita produziria e reproduziria suas múltiplas imagens: a de mãe, a de irmã, a de companheira, a de descamisada, a de peronista, entre outras.

Como mencionamos anteriormente, seus discursos políticos eram norteados por três componentes principais e, assim, ela era o eixo que interligava esta relação. Segundo Evita, ela seria a “ponte de amor” entre os trabalhadores, os humildes, as mulheres, enfim, entre o povo argentino e Perón:

[...] trataré de ser a diario un puente de amor entre ustedes y el general Perón y trataré de estrechar filas en todos los sindicatos argentinos, como lo hago siempre, como una compañera, como una hermana que trata de unir, que trata de limar asperezas y que trata que el justicialismo del general Perón se cumpla inexorablemente en nuestra Patria, cueste lo que cueste y caiga quien caiga<sup>29</sup>.

Deste modo, Evita cumpriria uma dupla função: por um lado, a mediadora das relações; e, por outro lado, a trabalhadora, defensora do justicialismo peronista. Cabe notarmos que, embora pareçam funções distintas, as mesmas eram complementares, isto é, compunham as imagens e os discursos políticos de Evita.

No tocante à mediação, de acordo com Navarro,<sup>30</sup> o que variava em seus discursos políticos era o enunciador e sua relação com ela, como nos exemplifica,

Así por ejemplo, puede comenzar un discurso dirigiéndose a los descamisados, poniéndose a la altura de Perón, aunque estableciendo cierta distancia con él. Luego cambia la dirección de sus palabras y, como si formara parte del público y hablara

<sup>28</sup> Ibid., p. 91.

<sup>29</sup> PERONISMO EN VERDAD. *Discursos de Evita*. Disponível em: <<http://www.peronismoenverdad.com.ar>>. Acesso em: 22 dez. 2014.

<sup>30</sup> NAVARRO, op. cit.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

en su nombre, apostrofa a Perón, llamándolo “Mi general”. Finalmente, se aísla de los dos para terminar confundiendo con ambos<sup>31</sup>.

Em outras palavras, em diversos momentos, Evita passava de mediadora para representante da “voz”, do “pensamento” e dos “sentimentos” dos trabalhadores ou de Perón. Como representante da “voz” dos trabalhadores, lembraria os atos de Perón, assinalando a gratidão que os mesmos deveriam ter com o líder:

Yo no tengo elocuencia, pero tengo corazón; un corazón peronista y descamisado, que sufrió desde abajo con el pueblo y que no lo olvidará jamás, por más arriba que suba. Yo no tengo elocuencia, pero no se necesita elocuencia para decirle al general Perón que los Trabajadores, la Confederación General del Trabajo, las mujeres, los ancianos, los humildes y los niños de la patria no lo olvidarán jamás, porque nos hizo felices, porque nos hizo dignos, porque nos hizo buenos, porque nos hizo querernos los unos a los otros, porque nos hizo levantar la cabeza para mirar al cielo, porque nos quitó de la sangre el odio, la amargura y nos infundió el ardor de la esperanza, del amor y de la vida<sup>32</sup>.

No trecho, podemos notar a inclusão de Evita como parte do povo argentino, que sofreu a transformação positiva com o peronismo. Segundo Evita, Perón propiciou felicidade, dignidade, bondade, amizade e esperança a todos, ou seja, o “mundo feliz” e, por isso, seria recordado pelos trabalhadores.

Em outros momentos, Evita retomaria a história argentina para demonstrar a transformação da “velha” para a “nova” Argentina. O Primeiro de Maio constituir-se-ia como o momento de demarcar estas transformações e a expressar o “mundo feliz”:

Es con inmensa alegría que hoy festejamos el 1º de Mayo, día del trabajador. Es un 1º de mayo de la época peronista, un 1º de mayo de felicidad y alegría en todos los hogares argentinos y trabajadores de la Patria [...]. Este 1º de mayo no es el 1º de mayo de la impotencia, no es el 1º de mayo en el que en todos los hogares de la patria había tristeza, desolación y desesperanza. Este es un 1º de mayo en que los obreros han desterrado toda bandera foránea para enarbolar la azul y blanca, la más hermosa de las banderas, la nuestra, la de la Patria<sup>33</sup>.

Notamos a distinção entre o “velho” e o “novo” tempo e a marcação dos tempos pela própria oposição de termos, como, por exemplo, alegria e tristeza. As imagens de tristeza, desolação e sem esperança são substituídas pela de felicidade e alegria com a “época peronista”. Por essa razão, consideramos que Evita auxiliou na apropriação da data, recriando a imagem do Primeiro de Maio a partir da ideia de felicidade e da própria nacionalidade. A

<sup>31</sup> NAVARRO, op. cit, p.281.

<sup>32</sup> PERONISMO EN VERDAD, op. cit.

<sup>33</sup> Ibid.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

partir do governo peronista, os trabalhadores utilizariam apenas a bandeira da pátria e não das diversas correntes políticas existentes, que eram utilizadas anteriormente.

Ademais, é significativo o uso do verbo festejar no plural, tal como do pronome possessivo “nossa”, revelando algo que pertence tanto à enunciadora Evita quanto a Perón e aos trabalhadores, ou seja, algo comum, que une a todos. Em outro discurso político, Evita recordaria as ações do líder como secretário de Trabalho e Previdência:

El general Perón, con sus sueños de patriota, en años anteriores, creó allá, en la Secretaría de Trabajo y Previsión, el basamento de la justicia social. Y creó algo más: la dignificación del obrero argentino. Hoy, en la patria, todos tenemos personalidad, pertenecemos a la era social del general Perón, y por lo tanto afrontamos la inmensa responsabilidad de apoyarlo y de acompañarlo para que las futuras generaciones no nos puedan censurar por el hecho de que habiendo tenido a un Perón, no les hayamos legado a ellos la época de bonanza que estamos disfrutando nosotros. Sabemos que estamos ante un hombre excepcional, sabemos que estamos ante el líder de los trabajadores, ante el líder de la Patria misma, porque Perón es la patria y quien no este con la patria es un traidor<sup>34</sup>

O uso dos verbos no plural revela e reforça o posicionamento de Evita nos discursos políticos que enalteciam Perón, isto é, como parte dos trabalhadores. Também no plural Evita ressaltava as “benesses” concedidas por Perón, as melhoras nas condições de vida e de trabalho, possibilitando a dignificação do trabalhador. Pelos aspectos apresentados, os trabalhadores deveriam agradecer, apoiar e acompanhar o líder condutor, além de amar.

Ainda que a posição de representante dos trabalhadores tenha sido amplamente utilizada, como mencionamos anteriormente, houve momentos em que Evita discursava como representante do governo e de Perón:

Queremos la dignidad para cada uno de ellos por el solo hecho de ser hombres, y para eso el general Perón ha creado, como único instrumento, su doctrina social, que él genialmente ha denominado justicialismo argentino [...] Luchamos por la independencia económica, luchamos por la dignificación de nuestros hijos, luchamos por el honor de una bandera y luchamos por la felicidad de este glorioso pueblo de descamisados que fue escarnecido por la avaricia de un capitalismo sin patria ni bandera, que no ha traído luchas estériles y fratricidas. Luchamos, en fin, por una patria socialmente justa, económicamente libre y políticamente soberana<sup>35</sup>.

A partir do trecho acima, sobretudo pelo uso dos verbos no plural, é possível notar Evita como representante da “voz” de Perón e membro do governo peronista. A menção dos principais objetivos e do lema de Perón é significativo e marcador desta posição, isto é: pátria socialmente justa, economicamente livre e politicamente soberana.

<sup>34</sup> PERONISMO EN VERDAD, op. cit.

<sup>35</sup> Ibid.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

Finalmente, as imagens de mediadora e trabalhadora, seja como representante dos “trabalhadores” ou como de Perón, seriam combinadas e formariam outras como as de submissão, de sacrifício e de renúncia a sua carreira de atriz para dedicar-se à pátria. Exemplo notório do uso dessas imagens combinadas é o que segue abaixo, no discurso político do Primeiro de Maio de 1950:

Quiero que veáis en esta mujer, trabajadores de mi Patria, a una amiga leal y sincera a quien no le importa quemar su vida y su juventud en holocausto de una causa tan grande como es la causa del pueblo, que tiene por guía, por bandera y por único líder al general Perón<sup>36</sup>.

De acordo com Capelato, a ideia de submissão, renúncia e sacrifício, que proliferavam nos discursos políticos de Evita, fez com que se tornasse um modelo ideal de feminilidade ocidental, isto é “*mãe ideal: sacrificou-se pelos filhos da pátria até o martírio final*”<sup>37</sup>.

Apresentados alguns dos imaginários políticos produzidos, o próximo tópico tratará dos imaginários sociais produzidos por Perón e Evita sobre os trabalhadores.

### **Os “novos” trabalhadores e seus papéis no “mundo feliz”**

O “tempo novo” era composto por uma “nova” Argentina, um “novo” homem e, por essa razão, os trabalhadores não poderiam ter as mesmas representações do momento anterior. A marcação do novo tempo argentino revelava não apenas outro posicionamento do governante diante da classe trabalhadora, mas também novas formas de se referir e se relacionar com ela, agora, como força política e social do governo.

As novas imagens sobre os trabalhadores também estariam associadas à ideia da construção do “mundo feliz”. Entre as imagens mais gerais dos trabalhadores, que aparecem nos discursos políticos do “novo” tempo, estavam a de unidos, leais, sinceros, dignos, conscientes e alegres.

As imagens mais gerais sobre os trabalhadores compunham a base para imagens mais específicas sobre eles. Deste modo, vale fazermos algumas distinções acerca dos coenunciadores dos discursos políticos de Perón, no tocante às diferentes categorias ou formas de Perón denominar os trabalhadores. Marcela Gené, ao analisar as imagens dos trabalhadores na propaganda política do Primeiro Peronismo, identificou cinco versões de suas

<sup>36</sup> PERONISMO EN VERDAD, op. cit.

<sup>37</sup> CAPELATO, op. cit., p. 300.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

representações: o descamisado, o trabalhador industrial que para nós é o “*obrero*”, o “*corpo do campo*” que para nós é o “*peón rural*”, a família peronista, que seriam os trabalhadores de maneira geral, que para nós é o “*trabajador*” e as enfermeiras, representando as mulheres<sup>38</sup>. Procuraremos neste tópico nos nortear pelas categorias estabelecidas pela autora, com exceção das mulheres que não são mencionadas diretamente nos discursos políticos que analisamos, uma vez encontramos estas imagens mais específicas sobre o trabalhador nos discursos políticos.

Com relação aos descamisados, Luís Alberto Romero considera que a imagem foi construída pelos próprios setores trabalhistas, conferindo sentido positivo, por se identificarem com a figura do trabalhador de dorso nu. No entanto, foi com o discurso peronista que a imagem se tornou um símbolo<sup>39</sup>.

Evita esclareceu em sua autobiografia quem eram os descamisados:

Y ¿qué son, para mí, los descamisados? No puedo hablar de ellos sin que vengan a mi memoria los días de mi soledad en octubre de 1945 [...]. Descamisados fueron todos los que estuvieron en la Plaza de Mayo el 17 de Octubre de 1945; los que cruzaron a nado el Riachuelo viniendo de Avellaneda, de la Boca y de la Provincia de Buenos Aires, los que en columnas alegres pero dispuestos a todo, incluso morir, desfilaron aquel día inolvidable por la Avenida de Mayo y por las diagonales que conducen a la Casa de Gobierno; hicieron callar a la oligarquía y a aquél que dijo "yo no soy Perón"; los que todo el día reclamaron a gritos la presencia del Líder ausente y prisionero; los que encendieron hogueras con los diarios de la prensa que se había vendido a un embajador extranjero por treinta dineros ¡o tal vez menos! ¡Todos los que estuvieron aquella noche en la Plaza de Mayo son descamisados! Aun si hubo allí alguien que no lo fuese, materialmente hablando, un descamisado, ése se ganó el título por haber sentido y sufrido aquella noche con todos los auténticos descamisados; y para mí, ése fue y será siempre un descamisado auténtico. Y son descamisados todos los que entonces, de estar aquí, hubiesen ido a la Plaza de Mayo; y todos los que ahora o mañana harían lo mismo que hicieron los primeros descamisados de aquel primer 17 de Octubre. Para mí por eso descamisado es el que se siente pueblo. Lo importante es eso; que se sienta pueblo y ame y sufra y goce como pueblo, aunque no vista como pueblo, que esto es lo accidental<sup>40</sup>.

Podemos notar, com base no trecho acima, que o descamisado era um dos grandes símbolos do peronismo, pois compôs o mito fundacional. Ele passou a reexistir, renascer, no dia 17 de outubro de 1945, a partir do movimento das massas, e seguiria ampliando em número. A ideia de reexistir decorre das afirmativas constantes de que, em 1810, o povo exigira a independência da metrópole e, em 1945, exigira a independência das potências estrangeiras e das oligarquias nacionais.

<sup>38</sup> GENÉ, op. cit.

<sup>39</sup> ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1994.

<sup>40</sup> PERÓN, *La razón* ..., op. cit, p.116.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

O termo descamisado, nos discursos políticos de Perón, era utilizado mais nos dias da Lealdade, os 17 de outubro, do que nos Primeiros de Maio. Nos dias 17 de outubro, entre as marcas do descamisado, estavam o nacionalismo e o caráter patriótico, como podemos notar no trecho extraído abaixo, em que Perón justifica a relevância de um monumento aos descamisados:

Ese descamisado, que fue carne de cañón en la independencia, que fue el gaucho de las cuchillas y de las chuzas en la organización nacional, el mismo que después levanto estos edificios, hizo grande a la Patria y la llevará a sus grandes destinos, no tiene todavía un monumento que lo perpetúe. Es una deuda que la sociedad Argentina debe pagar al hombre humilde, al hombre que todo lo hizo y nada reclamo para sí. En ese monumento al descamisado habrá mucho del espíritu y de la forma de cada uno de los que han muerto ignorados, luego de haber labrado la grandeza de la Patria<sup>41</sup>.

Concordamos com Gené ao afirmar que o descamisado ocupou uma das mais altas posições dos símbolos peronistas. Ainda de acordo com a autora, na reinvenção da história produzida pela propaganda peronista, o descamisado era símbolo de origem e triunfo que seria incorporado à história nacional<sup>42</sup>.

A multiplicidade de significados teria sua base no “sentimento” de povo, isto é, como nos esclareceu Evita, os descamisados são aqueles que sentem, sofrem ou amam como povo. Essa composição múltipla, ampla, para nós, decorre, em alguma medida, da projeção de imagens de apoio, coesão e legitimidade ao governo peronista.

Como mencionamos inicialmente, o descamisado foi uma das versões dos trabalhadores, utilizada nos discursos políticos de Perón, sobretudo nos 17 de outubro. Outra versão de trabalhador utilizada por Perón foi a do industrial que, em seus discursos políticos, sobretudo os dos Primeiros de Maio, apareceu sob o termo “*obrero*”, designando trabalhadores manuais assalariados, operariado, relacionados ao ramo industrial. Nos pronunciamentos dos Primeiros de Maio no Congresso Nacional<sup>43</sup> esse uso fica mais evidente do que nos pronunciamentos nos espetáculos de poder.

Os “*obreros*”, representados de forma individual ou conjunta, expressavam as transformações econômico-sociais, sobretudo os benefícios da justiça social, que o peronismo projetou sobre todos os setores. De acordo com Gené, a versão dos “*obreros*” foi preponderante, pois compunham grande parte do movimento de 1945, a partir do apoio das

<sup>41</sup> PERÓN, *Cuadernillos de formación político-sindical ...*, op. cit., s/p.

<sup>42</sup> GENÉ, op. cit.

<sup>43</sup> Além do dia dos trabalhadores, o Primeiro de Maio é o aniversário do pronunciamento de Urquiza, da Constituição Nacional de 1853 (em homenagem ao pronunciamento) e o dia em que o presidente da Nação deve proceder a uma solene inauguração do período legislativo ordinário.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

estruturas industriais e sindicais, e continuariam compondo parte significativa do movimento peronista<sup>44</sup>. No trecho a seguir, podemos observar o poder de mobilização dos “obrerros”:

Un frente obrero popular, unido y numeroso será el terror de la reacción y la mejor defensa contra la reacción política oligárquica, que pretende levantar su voz en defensa de intereses ajenos al país. Compañeros: escuchamos hoy que los políticos del fraude están pensando en formar agrupaciones obreras favorables a su política.<sup>45</sup>

Outra versão de trabalhador que aparecia era o “*peón rural*”, que, embora fosse associado também às transformações econômico-sociais que o peronismo proporcionou, teria os progressos adaptados ao mundo rural. O “*peón rural*”, em alguns casos, também era associado aos valores da nacionalidade, “guardiões das tradições”, cujo símbolo da argentinidade do momento era o *gaucho*.

A última versão da qual trataremos é a do “*trabajador*”. O uso do termo indicava os trabalhadores em geral, independentemente de ser industrial, rural ou descamisado. Revelava o apoio mais amplo de uma classe, os trabalhadores, ao governo e seus aspectos comuns como as condições de vida e de trabalho. É nesse contexto que as imagens da família peronista, feliz, se inserem, uma vez que os benefícios que os trabalhadores recebiam eram estendidos aos demais membros da família.

Apesar de tratar das distintas versões dos trabalhadores de maneira específica, vale dizermos que concordamos com James ao afirmar que o peronismo fundou um chamado político aos trabalhadores, no geral, sobretudo com relação ao seu reconhecimento como classe, como força social, que precisava ser considerada e representada como tal na vida nacional e no projeto político do Governo<sup>46</sup>. Deste modo, para Perón, independentemente de versão, todos os trabalhadores deveriam compor o pacto político com o Estado.

Retomando as imagens gerais, mencionadas no início deste tópico, dois aspectos eram fundamentais: a ideia, imagem e significado da cidadania; e a forma de retribuição ao que era “doado” pelo governo. Com relação às imagens, notemos a retomada que propiciou o “novo” tempo:

Desfilan por nuestra imaginación y por nuestro recuerdo los días vividos a través de las etapas reivindicatorias de la Patria que comenzaron en junio de 1943. Primero, las reformas que fueron como la iniciación y la siembra de la simiente que había de cristalizar y florecer a lo largo del trabajo y sudor argentino. Después, el gobierno, nuestro gobierno, el gobierno del pueblo, el gobierno de los descamisados, el gobierno de los pobres, de los que tienen hambre y sed de justicia. Por eso, en esta plaza, la histórica Plaza de Mayo de todas nuestras epopeyas, han latido al unísono

<sup>44</sup> GENÉ, op. cit.

<sup>45</sup> PERÓN, 1950 *año del libertador San Martín...*, op. cit, s/p.

<sup>46</sup> JAMES, op. cit.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

amalgamados en un solo haz todos los corazones humildes que por ser humildes son honrados, son leales y son sinceros. Después, la Constitución, la Constitución Justicialista, que ha hecho de la tierra argentina una Patria sin privilegios y sin escarnios; que ha hecho del pueblo argentino un pueblo unido, un pueblo que sirve al ideal de una nueva Argentina, como no la han servido jamás en nuestra historia. Esas tres etapas vividas por el pueblo argentino: la reforma, el gobierno y la Constitución argentina, nos han dado un estado de justicia y un estado de dignidad y nosotros los transformaremos en un estado de trabajo<sup>47</sup>.

Consideramos este trecho significativo porque reúne as imagens de lealdade, sinceridade, amizade, dignidade e justiça social, demonstrando como tais imagens eram complementares e combinadas, compondo o “novo” trabalhador. Também vale observarmos a relação direta que Perón estabelece entre as suas ações, ações do Governo, com a nova situação do trabalhador.

Para expressar a nova situação do trabalhador, utilizava-se amplamente a legislação trabalhista e a política social promulgada no período. Entre as leis trabalhistas criadas figuram: 13º salário; fixação do salário diário para os acidentados no trabalho; lei do salário-mínimo; regime de trabalho para menores; cobrança de salários nos feriados; férias anuais remuneradas para todos os trabalhadores; criação do Instituto Nacional de Previdência Social e da Administración Nacional da Moradia para os trabalhadores; a aprovação do regime legal das Associações Profissionais, que regulamentavam o funcionamento dos sindicatos; além da criação do Tribunal Superior do Trabalho. Estas políticas seriam reunidas nos direitos dos trabalhadores na Constituição de 1949. Além destas leis, devemos recordar o centro de políticas sociais associadas à *Fundación Eva Perón*, atuando nos campos da saúde, da educação, do turismo e da assistência social.

Em outro momento, Perón reafirmava suas políticas combinando com os trabalhadores como os guardiões no futuro:

Compañeros: yo les he dado una doctrina justicialista, he asegurado una justicia social, he conquistado una libertad económica, les he dado una realidad política, todo consolidado en la Constitución Justicialista. Para el futuro han de ser ustedes los guardianes, han de ser ustedes los que juzguen y han de ser ustedes los que sancionen.<sup>48</sup>

Como podemos notar, embora considerasse os trabalhadores como força política, observando a conjugação dos verbos utilizados inicialmente, Perón se colocava como aquele que proporcionara as condições necessárias para que eles alcançassem a justiça social e, conseqüentemente, todas as outras imagens de mudança mencionadas anteriormente. Perón

<sup>47</sup> PERÓN, 1950 *año del libertador* ...,op. cit., s/p.

<sup>48</sup> PERÓN, 1950 *año del libertador* ...,op. cit., s/p.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

procurou associar as benesses concedidas por ele à força política dos trabalhadores, assinalando a organização e o vigor próprios como vitais para que o governo tivesse êxito em suas políticas de justiça social.

A imagem de “doação” estaria diretamente associada à de “gratidão” a Perón, que “tudo” proporcionara aos trabalhadores. Assim, a partir dos discursos políticos estudados, podemos notar que o “dever” dos trabalhadores, além do trabalho, no âmbito espiritual, era o amor, a lealdade e a gratidão a Perón.

As imagens de lealdade e sinceridade eram diretamente associadas a Perón e à pátria. Ademais, a lealdade ao ideal, ao partido e à doutrina implicava a lealdade à nação e a Perón; logo, concordamos com Plotkin ao considerar que, no peronismo, ser leal aos elementos criados por Perón era ser leal à Argentina<sup>49</sup>. As imagens de lealdade e união seriam ainda mais utilizadas no segundo governo de Perón.

Como mencionamos anteriormente, os discursos políticos das datas selecionadas de Perón sofreriam modificações significativas no segundo governo, sobretudo pelas mudanças conjunturais, seja no âmbito interno quanto no externo.

O cenário de festa, como denominou Felix Luna<sup>50</sup>, ou o “mundo feliz”, como denominou Gené<sup>51</sup>, do primeiro governo já não existia mais e, assim, o segundo governo enfrentaria maiores dificuldades com os trabalhadores. Os discursos políticos a partir de 1952 teriam um tom mais agressivo e autoritário do que os apresentados até o momento. Perón convocava, explicitamente, os trabalhadores para uma “batalha” contra os inimigos internos e externos da Argentina:

Compañeros: Estamos en un momento en que todos debemos de preocuparnos seriamente, porque la canalla no descansa, porque están apoyados desde el exterior. Decía que es menester velar en cada puesto con el fusil al brazo. Es menester que cada ciudadano se convierta en un observador minucioso y permanente porque la lucha es subrepticia. No vamos a tener un enemigo enfrente: colocan la bomba y se van. Aumentan los precios y se hacen los angelitos. Organizan la falta de carne y dicen que ellos no tienen la culpa. Al contrario, por ahí, en un diario, sacan un artículo diciendo que ellos, en apoyo del Gobierno, quieren que venga la carne, pero la carne no viene. Todo esto nos está demostrando que se trata de una guerra psicológica organizada y dirigida desde el exterior, con agentes en lo interno. Hay que buscar a esos agentes, que se pueden encontrar si uno está atento, y donde se los encuentre, colgarlos en un árbol (PERÓN, 1952, s/p).

As imagens de união e lealdade auxiliavam na justificativa para a luta contra os inimigos internos e externos, na conservação da justiça social e no fortalecimento das

---

<sup>49</sup> PLOTKIN, op.cit.

<sup>50</sup> LUNA, Félix. *Perón y su tiempo I: la Argentina era una fiesta (1946-1949)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2013.

<sup>51</sup> GENÉ, op. cit.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

unidades sindicais. Com relação aos “inimigos” da pátria, Sigal e Verón assinalam que tal construção dos inimigos da pátria seria inseparável da imagem da sombra. Deste modo, o inimigo era oculto, estava escondido, infiltrado, operando na sombra<sup>52</sup>. A ideia de sombra proposta pelos autores também é sustentada pelo argumento anterior sobre a verdade estar com Perón e, portanto, ser a luz, opondo-se à escuridão dos inimigos da pátria.

A partir do segundo governo também ficaria mais evidente a oposição entre um “nós” pleno, substancial, que coincide com o coletivo “argentino”, “pátria”, e um “eles” pleno, racional, que coincide com o coletivo “antiargentino”, “antipátria”. De acordo com Sigal e Verón, o inimigo observa enfurecido como Perón realizava e resolvia os verdadeiros problemas argentinos, sobretudo no âmbito social. Deste modo, o adversário não tinha um projeto político, mas era aquele que colocava obstáculos ao projeto político de Perón, colocando em risco o próprio “mundo feliz”<sup>53</sup>.

Por essas razões, Perón aclamava pelo apoio não apenas dos trabalhadores, mas também do povo, de todos os argentinos:

Yo no podría pedirle al pueblo el apoyo para otra cosa, pero para eso le pido y deseo el apoyo total y sincero del pueblo. Ese apoyo ha de ser para combatir a los malos argentinos y para combatir también a los malos peronistas y a muchos que se mueven entre nosotros disfrazados de peronistas. Para eso, especialmente, necesitamos el apoyo del pueblo, el apoyo desinteresado, el apoyo sincero, el apoyo que nos pueda llevar a una depuración de la República y a una depuración de nuestras propias fuerzas<sup>54</sup>.

A mudança de contexto acentuou o tom e o caráter autoritário nos discursos políticos de Perón, como podemos notar pelas frequentes “convocações” ao “povo argentino” por Perón ao confronto contra os inimigos da pátria. Os “maus” argentinos eram aqueles que estavam contra a grande obra do governo e, conseqüentemente, a construção do “mundo feliz”.

Vale observarmos como a ideia de pátria estava associada ao peronismo e como o povo, de maneira geral, continuaria designando a sinceridade, a lealdade e o apoio a Perón. Para nós, o uso do termo “povo”, ainda que incluía os trabalhadores, com mais frequência do que o termo “trabalhadores”, sugeria o apoio mais amplo ao governo peronista.

Também no segundo governo de Perón, marcado pelo “combate” contra os “maus” argentinos, que as noções de “velha” Argentina -do trabalhador sem dignidade- seriam amplamente utilizadas em oposição às da “nova” Argentina peronista- do trabalhador

---

<sup>52</sup> SIGAL; VERÓN, op. cit.

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> PERÓN, *Los mensajes de Perón*. Buenos Aires: Ediciones Mundo Peronista, 1952.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

com dignidade-, sobretudo para reafirmar a necessidade de apoio ao governo peronista, que possibilitou as transformações no país. Assim, o povo, de maneira geral, e os trabalhadores, de maneira específica, eram convocados na continuidade da batalha, uma vez que eram a força política do governo. Outra imagem retomada e reforçada era a de união, não apenas entre os trabalhadores, como também com o governante,

Compañeros, hoy como siempre, la bendita fiesta de los trabajadores nos encuentra unidos, de corazón a corazón, en un pueblo dispuesto a dar la vida por PERON y en un PERON dispuesto a dar mil vidas por su pueblo. Los que creen que nos cansaremos, se equivocan. Nosotros tenemos cuerda para cien años. Por eso, hoy, el Día del trabajo, debemos juramentarnos todos los trabajadores para vencer, cueste lo que cueste y caiga quien caiga<sup>55</sup>.

De acordo com Sigal e Verón, no universo do discurso peronista, encontramos, no lugar do *slogan* “Pátria ou morte”, o *slogan* “Perón ou morte”. Ainda de acordo com os autores, não se trata de oferecer a vida por Perón, no sentido literal e, assim, eles propõem que observemos a substituição do termo pátria por Perón, o que revela e reafirma que proclamar a “vida por Perón” era o mesmo que proclamar a “vida pela Pátria”<sup>56</sup>.

Notamos ao longo da análise dos discursos políticos selecionados que Perón não tem apenas um posicionamento enunciativo, como governante, senão vários. Ora se utiliza de verbos no plural para se posicionar como trabalhador, como peronista, como povo, como argentino, ora se utiliza de verbos no singular para se posicionar como governante, como primeiro trabalhador, como sacrificado e assim por diante. Não apenas suas imagens se combinam e se confundem, como também a dos seus coenunciadores, isto é, os trabalhadores.

Sobretudo, nos discursos políticos finais, povo, trabalhador, peronista, patriota, entre outros termos, são combinados para constituir o coenunciador coletivo, amplo, “argentino”. Os “verdadeiros” argentinos, independentemente do coletivo no qual estavam inseridos, deveriam auxiliar no combate aos inimigos da pátria.

Apesar das particularidades discursivas do primeiro e segundo governo de Perón, dois aspectos mais amplos são comuns: a retórica peronista; e a ideia, a imagem e o significado da cidadania para o peronismo.

Com relação à retórica, concordamos com James ao afirmar que o discurso peronista tomava a consciência, os hábitos, os estilos de vida e os valores da classe trabalhadora tal qual encontrava e o colocava como base suficiente para a rápida consecução de uma sociedade justa e igualitária. Ainda segundo o autor, esses aspectos tornavam o

<sup>55</sup> PERÓN, *Cuadernillos de formación político-sindical...*, op.cit.

<sup>56</sup> SIGAL; VERON, op.cit.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

discurso peronista mais concreto e imediatista do que as demais correntes, como as socialistas e os comunistas, que anunciavam mudanças estruturais abstratas de longo prazo, dependendo de uma consciência apropriada da classe trabalhadora<sup>57</sup>.

Além do estilo e do idioma político de acordo com as sensibilidades populares, o peronismo também significou uma presença social e política maior da classe trabalhadora na sociedade argentina, sobretudo dos trabalhadores peronistas. O Estado era o espaço onde as classes poderiam atuar política e socialmente para estabelecer direitos e exigências de ordem corporativa. Com relação aos espaços das classes trabalhadoras no governo, vale mencionarmos a participação direta dos trabalhadores peronistas em alguns cargos dos poderes Executivo e Legislativo. Tomemos como exemplo o primeiro gabinete ministerial de Perón:

En el primer gabinete de Perón esto se reflejó en la incorporación de tres personajes que provenían del ámbito sindical en áreas fundamentales: Ángel Borlenghi, principal referente de los Empleados de Comercio, fue seleccionado como Ministro del Interior; Juan Atilio Bramuglia, abogado especializado en derecho del trabajo, ex militante socialista y cercano a la Unión Ferroviaria, recibió la cartera de Relaciones Exteriores y, finalmente, a José María Freire, oriundo del gremio del vidrio, se lo ubicó nada menos que en la STyP<sup>58</sup>.

José María Freire, secretário de Trabalho e Previsão e, posteriormente, ministro do Trabalho, teve um papel importante dentro do Governo: frequentava os atos sindicais e as celebrações de convênios coletivos; visitava as fábricas; viajava pelo interior do país para encontrar-se com grupos de trabalhadores; difundia e impulsionava numerosas iniciativas culturais; entre outros. De acordo com Luciani, Freire auxiliaria no reforço dos laços entre o Estado e os trabalhadores, uma vez que em seus discursos políticos e atos públicos reafirmava sua identidade de classe, procurando estabelecer a identificação direta com os trabalhadores<sup>59</sup>.

Independentemente de ser uma atuação “limitada” ou não dos trabalhadores, estes em cargos importantes do governo peronista continham um significado simbólico especial. Tal aspecto revelava ao menos duas interpretações: o reforço de imagens como um governo *de* e *dos* trabalhadores e, conseqüentemente, o reforço de imagens de apoio, coesão e lealdade, a partir do fortalecimento dos laços entre Perón e os trabalhadores, uma vez que ele seria o primeiro governante a dar a oportunidade aos trabalhadores de atuar no Governo.

---

<sup>57</sup> JAMES, op.cit.

<sup>58</sup> LUCIANI, María Paula. Del movimiento obrero a la gestión estatal: José María Freire en el área de trabajo del Primero Peronismo. *Forjando*, s/d, p.4.

<sup>59</sup> Ibid.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

Como comentamos anteriormente, sobre as questões que compunham o “pano de fundo”, com relação à cidadania, concordamos com James ao assinalar que:

El atractivo político fundamental del peronismo reside en su capacidad para redefinir la noción de ciudadanía dentro de un contexto más amplio, esencialmente social (...) El éxito de Perón con los trabajadores se explicó, más bien, por su capacidad para refundir el problema total de la ciudadanía en un molde nuevo, de carácter social<sup>60</sup>.

Para o autor, o discurso peronista negaria a validade da separação, formulada pelo liberalismo, entre o Estado e a política, por um lado, e a sociedade civil, por outro. De acordo com o discurso peronista, a cidadania não deveria mais ser definida apenas em função dos direitos individuais e relações dentro da sociedade política, mas sim em função da esfera econômica e social da sociedade civil.

Esse diferencial pôde ser notado nas eleições de 1946, em que, enquanto a oposição ao peronismo tratava de questões como a redemocratização, a liberdade, entre outros, Perón assinalava a importância da justiça social, da garantia dos direitos sociais, na “nova” democracia. O significado da cidadania, associado também aos direitos sociais, era importante, pois compunha o sentimento de pertencimento à nação.

Por fim vale mencionarmos, ainda que brevemente, a cultura política configurada também no momento, o justicialismo peronista, pois, em alguma medida, era composta por grande parte das imagens apresentadas até o momento. O justicialismo peronista pode ser compreendido como um conjunto de ideias, valores, rituais e vocabulários vinculados à justiça social. A partir dos discursos políticos de Perón podemos observar que o justicialismo lança raízes na experiência do movimento operário e sindical dos anos anteriores a 1943, apropriando-se das demandas e aspirações dos trabalhadores, ressignificando os elementos simbólicos e colocando-se como o grande condutor dos trabalhadores.

### **Considerações Finais**

Como demonstramos, as múltiplas imagens sobre os trabalhadores estariam amparadas e serviriam de base para uma ideia mais ampla do governo peronista, a de “mundo feliz”. A partir dos discursos políticos dos espetáculos selecionados é possível notar como as construções mais gerais e mais específicas dos trabalhadores deveriam estar articuladas com uma série de elementos, que auxiliassem na própria projeção de outras imagens, não apenas de Perón e de Evita e suas relações com os trabalhadores, mas, sobretudo, a respeito do

---

<sup>60</sup> JAMES, op. cit., p. 27.

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 195 - 221. ISSN: 1808-8031

governo peronista, reafirmando imagens de “unidade espiritual”, consenso político, legitimidade e apoio ao regime.

Por outro lado, vale ressaltarmos que as imagens dos trabalhadores e do pacto político entre Estado e classe trabalhadora não foram construídas sem a resistência e sem o conflito direto com setores da classe trabalhadora. Como mencionamos, os próprios espetáculos de poder selecionados constituíram, por um tempo, palco das disputas políticas entre Perón e as classes trabalhadoras. Apesar das resistências e conflitos, a “peronização” dos espetáculos de poder ocorreu e, a partir de então, reinventar-se-ia uma nova versão de momentos importantes da história argentina, como o caso de 17 de outubro, que seria recontado a partir da versão peronista, que determinou qual foi o papel dos trabalhadores, da Central Geral dos Trabalhadores e estabeleceu a centralidade de Perón. Em um sentido mais amplo, também, pode-se pensar sobre o papel do governo e da propaganda peronista para a escrita e ensino de história nas escolas, sobretudo quando se tratava dos feitos peronistas.

Com relação aos discursos oficiais, vale assinalarmos que os mesmos expressavam uma das formas possíveis de expressar os imaginários sociais, não correspondendo, necessariamente, a “verdadeira” atuação ou história dos trabalhadores na Argentina. Portanto, este trabalho compõe uma das versões forjadas sobre as imagens dos trabalhadores no peronismo, tal como da relação de Perón com os trabalhadores, possível de análise e reflexão, em um primeiro momento, e de comparação ou contraposição com outras versões, em estudos posteriores.

Quanto aos imaginários sociais apresentados, apesar do esforço do governo peronista e ainda que buscassem atingir os “corações” e “mentes” dos trabalhadores, vale assinalarmos que não consideramos recepções homogêneas, senão múltiplas e complexas, justamente pela importância do sentido destas produções. Ademais, este trabalho se inspira em autores e trabalhos relativamente recentes, como os de Daniel James, Miguel Murmis e Portantiero e Juan Carlos Torre, por concordar com a noção dos trabalhadores como sujeitos e atores sociais que, apesar de espaços limitados, atuam ao seu modo e fazem suas escolhas, e também por mostrarem as especificidades e particularidades deste período complexo da história política argentina<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> JAMES, op. cit.; MURMIS, Miguel; PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012; TORRE, Juan Carlos. *Ensayos sobre movimiento obrero y peronismo*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.